

# O novo amigo da fanzinoteca Mutação!

Abrimos as postagens de 2011 para comemorar outra grande doação ao nosso acervo. Desta vez foi o paulista Gustavo Piqueira - que atuou na cena dos fanzines dos anos 1980 - quem nos presenteou com raridades daquela época! Todos os títulos doados por este companheiro serão cadastrados e em seguida postados aqui no blog [além, é claro, de estar à disposição do público que visitar nosso espaço]. Confira abaixo uma entrevista com Piqueira, o novo amigo da nossa Fanzinoteca Mutação!

## **1 - Qual foi o primeiro fanzine que você leu?**

Lembro-me de ter lido a seção “fanzines” numa Mestres do Terror, durante as férias de 1986 em Sorocaba. Confesso que não sabia muito bem do que se tratava mas, como meus verões aos quatorze anos não eram dos mais animados, decidi escrever para a lista inteira. Não me recordo de todos, mas entre eles havia o Aventura/RJ e o Maturi/RN. Uma ou duas semanas depois comecei a receber os exemplares pelo correio, e cada um possuía sua lista de novos fanzines, que passei a solicitar freneticamente. E, por alguns anos, a chegada do carteiro era, sem sombra de dúvida, o grande momento do dia.

## **2 - Como foi a trajetória do fanzine Metrópolis?**

“Trajetória” é um termo muito nobre para um fanzine de história discreta como o meu... No fundo, eu queria fazer parte daquele grupo de pessoas. Pertencer a algum lugar. E, para isso, eu precisava editar o meu fanzine.

Não era, como quadrinhista ou editor, aquilo que se podia classificar como “talento explosivo”. Mas, no fundo, pouco importava. A primeira edição saiu em 87, foram mais três, em 88 e 89 (além de um número cinco “tardio” em 91).

Não havia, verdade seja dita, nenhuma grande proposta conceitual por trás. Era um fanzine que publicava quadrinhos variados — a maioria heróis/terror, “padrão” da época. Meu objetivo era mais o fanzine em si do que algum conteúdo específico.

## **3 - Pompom e Rhino também poderiam ser considerados fanzines ou publicações independentes?**

Em termos de concepção, fanzines. Mas talvez, tecnicamente, o mais correto seja chamar de publicações independentes, já que possuíam um processo de produção menos caseiro, pois usávamos a gráfica da FAU USP (onde estudávamos) para imprimir os exemplares.

## **4 - Que outras experiências zineiras você pode lembrar?**

A descoberta dos processos gráficos de impressão, à época da Pompom e Rhino me abriu o universo do design gráfico — que era solenemente negligenciado nos meus primeiros fanzines — e por ele segui em frente, aqui na Casa Rex.

Felizmente, a partir de então, já com algumas propostas conceituais e estéticas um pouco mais consistentes que nos tempos do Metrópolis. Também desenvolvo algumas atividades paralelas, tenho dez livros publicados,

ilustrei outros tantos, além algumas outras coisas. Tecnicamente, portanto, mais nenhuma experiência zineira. Contudo, em termos de concepção, considero quase todos como tal.

No começo do ano, por exemplo, será lançada uma coleção de filosofia clássica pela Martins Fontes, em que bolei o projeto, selecionei os textos, selecionei as imagens, fiz o projeto gráfico, digravei, estruturei a produção... Se o resultado final vai ter cara e finalidade “profissional”, em meu íntimo é impossível não considerar a coleção como uma experiência zineira. O mesmo vale para toda vez que tento experimentar algo novo num projeto gráfico.

### **5 - Como você analisa a história dos fanzines brasileiros, desde os anos 80 até hoje?**

Não sei se possuo estofo para dar uma resposta historicamente muito correta ou detalhada... Tenho a impressão — meio óbvia até — de que as reviravoltas tecnológicas dos últimos 20 anos mudaram muita coisa. O fanzine como canal de comunicação, claro, não morreu. Mas não dá pra competir com a internet.

Por outro lado, os softwares gráficos trouxeram uma abundância de recursos — tanto de projeto quanto de produção — inexistente até meados dos anos 90. Se ambos os fatos são, num primeiro olhar, positivos (e realmente o são), também carregam consigo um impacto profundo na produção de fanzines — ele não morre como canal de comunicação, mas não é a primeira opção de um moleque de 14 anos hoje, como foi pra mim. Já os softwares gráficos podem, se operados num nível básico, oferecer templates talvez prontinhos demais.

Se eu fosse fazer um fanzine hoje, não cometeria as barbaridades tipográficas que cometi em 87 — e isso seria uma grande pena. Logo, acredito que a relevância do fanzine acabou se transformando — de uma “comunidade” diversa unida pelo veículo fanzine, mais até do que pelo conteúdos destes, a um veículo autônomo de experimentação de linguagem visual em si, onde as soluções — estéticas e de produção — não são mais mero suporte, mas parte fundamental do discurso.

Digo isso tudo, claro, generalizando. Existiram e existem exceções de ambos os lados — e eles fazem parte de um processo de transformação mais amplo. E também não acho que um cenário seja melhor que o outro a priori, não. São apenas diferentes e é importante que sejam compreendidos como tal.

### **6 - A sua profissão sofre alguma influência dos tempos zineiros?**

Sim, claro. Bem mais do que, por exemplo, a faculdade que cursei. Porque o que você faz da vida, seu ofício, depende não só de famigerados termos como “capacitação técnica” ou “adequação ao mercado”.

No ponto zero, o que define sua profissão — seja ela qual for — é a atitude que você tem perante ela. Se é busca por grana, busca por status, mera necessidade... E a minha atitude perante meus projetos — sejam de design, literatura ou ilustração — foi, definitivamente, forjada fazendo fanzines.

Faça você mesmo, faça do seu jeito, cuide de todas as etapas, não transforme isso numa obrigação, ponha sua alma, não acredite no que te ensinaram como “o jeito certo”... Tudo veio dos fanzines. Isso ficou, vai ficar pra sempre. Ainda sou, e sempre serei, o mesmo moleque, preocupado se a máquina de xerox vai estar num “dia bom” ou não. Passando a noite sozinho, grampeando fanzines.

E descobrindo que não existe nada melhor do que isso. Como bem disse o Proust, “só a percepção grosseira e errônea põe tudo no objeto, quando tudo está no espírito.”

### **7 - Qual a importância da estética dos fanzines para arte contemporânea?**

GP: Acho muito difícil, particularmente, encontrar uma única “estética” dos fanzines, exceção feita à tecnologia — muitas vezes precária — do xerox. Muitos fanzines eram, em termos de linguagem, bastante acadêmicos (principalmente até meados da década de 80).

Livretos em xerox que, pode-se dizer, “sonhavam” com uma máquina offset e papel couché. Do fim dos anos 80 pra frente começaram, pelo que me recordo, a surgir alguns trabalhos que, aí sim, assumiam o fanzine quase que puramente como proposta estética.

Se você olha hoje — quase 20 anos depois — um fanzine como, por exemplo, o Antiusual, o Neville Brody da The Face está lá, atestando um “produzido em 1990”. Mas, por outro lado, você também vê uma expressão gráfica que é absurdamente contemporânea. Que, inegavelmente, se assemelha a muita coisa que hoje enche os espaços ditos “modernos” daqui de SP. Então, em termos de dimensão formal, creio que existiram fanzines que, sim, anteciparam muita coisa que se vê hoje.

A única ressalva é que, se na época havia uma estética “a serviço” de algo — ainda que instintiva —, hoje isso se encontra um tanto diluído — salvo honrosas exceções. E não é nostalgia mequetrefe, não. Tal processo tem ocorrido não apenas nas artes visuais, mas na cultura em geral, qualquer pessoa minimamente envolvida na indústria da comunicação sabe como funciona. A cultura como “entretenimento”, a transformação do “alternativo” em “nicho de mercado”. Quando você vê, nas páginas da revista Contigo, Paulinho Vilhena de cabelo moicano na platéia do show do Pavement, alguma coisa deu errado. Alguma coisa deu muito errado. Uma coisa não é “alternativa” se todos a sua volta estão fazendo igual e achando bacana. É etimológico, não precisa muito esforço pra entender, não... E não estou tentando estabelecer qualquer juízo de valor, mas é raciocínio dos mais simples. Uma estética/proposta alternativa, necessariamente, não é prontamente assimilada.

Vai contra, aliás, o que é prontamente assimilado. Está na sua essência. Se é prontamente assimilada, não é alternativa. Pouco importa a roupa-gem. Pouco importa se soa “moderno”. Fazer algo alternativo é fazer algo “errado” — independente do resultado ser bom ou ruim.

